

## **Representações e Práticas dos Professores de Educação Física. Um Contributo da Experiência Profissional e das Vivências de Lazer**

Ms, Stadnik, Adriana Maria Wan – UTFPR, Brasil

Professor Doutor António Camilo Cunha– UM, Portugal

Professora Doutora Beatriz Oliveira Pereira– UM, Portugal

### **Resumo**

Procuramos investigar representações e práticas dos professores formadores em educação física, levando em conta suas atividades profissionais e de lazer, objetivando encontrar entre esses dois universos pontos de interseção e contribuições à compreensão da formação/desenvolvimento humano em variadas dimensões. Utilizamos uma metodologia de abordagem qualitativa: um estudo analítico e interpretativo, a partir das histórias de vida, narradas pelos investigados. O quadro de professores no qual trabalhamos foi composto por 4 pessoas, 2 homens e 2 mulheres, professores universitários, com aulas teórico-práticas na formação de professores em educação física. O trabalho de campo ainda está sendo realizado e nesta primeira fase, temos em ação de análise e interpretação, ainda incompleta, um dos casos: Henrique. O início dessa análise nos tem vindo a revelar que os processos de desenvolvimento, mudança e construção da identidade pessoal, profissional, social e de lazer do investigado é marcada por uma série de outros processos mais específicos, que se traduzem em mudanças e envolvem as interações sociais – por meio das diferentes socializações pelas quais o indivíduo passou – constituindo/construindo a sua personalidade e a sua identidade. Sua história de vida nos permite clarificar alguns processos que ocorrem ao longo da vida, em variados contextos. O estudo tem ilustrado a pluralidade de significados que o professor atribui à sua vida, trazendo, de certa forma, um retrato da sua identidade naquele momento. Pudemos identificar que a profissão e o lazer estão intimamente conectados em sua vida: são os amigos em comum – no trabalho e no lazer –, atividades profissionais que avançam o espaço íntimo do lar – como receber alunos, ler livros e assistir vídeos relacionados à profissão. Percebemos o lazer como um momento privilegiado do encontro consigo mesmo, do descanso, do encontro com a família, da auto-formação – ainda que o lazer não seja automaticamente educativo.

**Palavras-chave:** Representações, Práticas, Professores formadores, Educação física, Trabalho, Lazer.

## **Introdução**

Existem muitas maneiras de estudar as representações e práticas dos professores e, dessa forma, tentar contribuir para a melhoria da educação. Para este estudo, optamos por uma reflexão que está diretamente relacionada aos professores formadores em educação física e ao significado por eles dados aos fenômenos vivenciados, quer na sua vida pessoal, profissional ou social.

É “(...) *a pessoa do professor enquanto sujeito ativo na construção do conhecimento sobre si próprio e sobre a sua profissão*” (Canavaro, 2003:183).

Nosso estudo é sobre o professor e as suas práticas profissionais e de lazer. Vamos estudar os acontecimentos de sala de aula, em contextos profissionais, o que, segundo Cunha (2004), é tarefa fundamental daqueles que se encontram envolvidos com a formação de professores e comprometidos com a prática pedagógica competente.

Adicionalmente, buscaremos explicações fora da sala de aula, em contextos de lazer, como complemento enriquecedor e dentro da perspectiva do ser humano integral. Não só as explicações oriundas do mundo profissional, mas aquelas vindas da vida pessoal, social, familiar, através de entrevistas e da investigação do tempo de lazer dos professores e da análise do seu cotidiano fora da instituição de atuação profissional.

Em termos de pesquisa, segundo Bronfenbrenner (1996), raramente se presta atenção ao comportamento das pessoas em mais de um ambiente ou à maneira pela qual as relações entre os ambientes podem afetar o que acontece dentro deles. Também, o que é mais raro ainda, há pouco reconhecimento de que os eventos e as condições ambientais fora do ambiente imediato onde uma determinada pessoa está contida, podem ter influências profundas sobre o seu comportamento dentro daquele ambiente. Para o autor, pensar no sujeito conectado ao seu meio ambiente é algo essencial, afinal, o desenvolvimento humano jamais ocorre no vazio, ele está sempre inserido num determinado contexto e expresso num comportamento.

Para tanto, este é um estudo sobre a vida do professor e em variados contextos. Como refere Goodson (1992), precisamos saber mais sobre as vidas dos professores,

sobre as suas prioridades, procurando entender o seu desenvolvimento, ações e transformações, para, a partir dessa compreensão, possibilitar as mudanças necessárias.

Nossa investigação pretende fornecer uma visão panorâmica da influência do lazer no trabalho, na vida social e pessoal dos nossos investigados e, ao mesmo tempo, a influência desses canais da vida humana (trabalho, vida social e pessoal) nos seus lazes – como uma via de mão dupla, baseada e enriquecida pela revisão da literatura e matizada, quiçá, concretizada, pela pesquisa de campo realizada na universidade (contexto profissional) e em outros contextos da vida pessoal, social e de lazer, onde os professores formadores em educação física, falaram, com suas próprias palavras, o que fazem, pensam, vivem e sentem.

Paralelamente, colocamos em evidência os caminhos e descaminhos, tensões e dilemas humanos vividos dentro e fora da profissão.

Percorremos dois caminhos: um mais cognitivo, baseado nos pensamentos (representações) e um caminho da prática, baseado nas ações (práticas) dos professores.

Goodson (1992), defende a consideração de que a maior parte dos professores se sente profundamente inseguro e ansioso, especialmente quando observados, portanto, a incidência sobre a prática profissional não deve ser a única forma de obter dados. Um importante ingrediente é a voz do professor.

Holly & Walley (1989), descrevem que grande parte do conhecimento do professor é tácito – um tipo de conhecimento que dificilmente pode ser explicado com palavras (como a intuição). Adicionalmente, os professores são guiados por suas próprias idéias, regras e responsabilidades como profissionais. Daí que, para tentar compreender a complexidade dessa profissão é importante explicitar essas teorias. Para tanto, é necessário analisar o pensamento do professor. Contudo, investigar apenas o pensamento do professor pode apresentar uma idéia parcial daquilo que realmente acontece, proporcionando indicadores e não explicações (ou tentativas de). As teorias devem ser guiadas também pelas práticas. Assim como, ensinar e aprender, a teoria e a prática são dialéticas – reciprocamente se influenciam.

Dessa forma, entramos em profundidade no contexto de cada um dos investigados, mergulhamos no seu mundo, com o objetivo de tentar compreender e interpretar suas falas, atitudes e comportamentos, buscando não perder de vista as

realidades que deram origem a essas respostas/ações. Procuramos desvelar a realidade pelos olhos de quem a vivencia.

### **Objetivo geral**

Conhecer as representações pessoais, profissionais, sociais e de lazer, e as práticas de ensino e de lazer, dos professores formadores em educação física, visando construir conhecimentos que possam ser úteis na compreensão da profissão e formação de docentes na área.

### **Metodologia**

O presente trabalho se inscreve numa abordagem qualitativa de investigação, por meio do estudo de caso de quatro professores formadores em educação física. Para este texto apresentamos apenas um dos professores estudados. Trata-se de um estudo de cunho interpretativo, onde as entrevistas e observações são os principais focos de interesse e análise metodológicas.

A investigação baseia-se na construção de histórias de vida, narradas pelos próprios investigados – colhidas por meio de diferentes entrevistas audiogravadas – também, através da observação de aulas videogravadas, de práticas de lazer, e do comportamento do investigado em situações diversas (sala de aula, corredor, fim de semana, com os colegas, etc.), conversas informais, análise de documentos, mergulhando assim no contexto de estudo de caso.

Tendo como ponto de partida a orientação de Yin (2001) sobre a importância da identificação dos casos propriamente ditos, na realização de estudos de caso e, buscando atender aos nossos questionamentos e às nossas necessidades, estabelecemos uma escolha deliberada da amostra. Portanto, a seleção dos participantes foi orientada por critérios, que importou ter presentes, em função dos objetivos perseguidos. A saber:

- ✓ Professores de educação física e que, no momento da pesquisa, trabalhassem com a formação inicial e/ou continuada em educação física;
- ✓ Professores que, reconhecidamente, valorizem e desfrutem do tempo de lazer;

- ✓ Professores, reconhecidamente, competentes;
- ✓ Professores de uma universidade de qualidade atestada;
- ✓ Professores com mais de 10 anos de experiência profissional;
- ✓ Professores efetivos na universidade de atuação;
- ✓ Homens e mulheres;
- ✓ Professores que trabalham com aulas práticas;
- ✓ Professores mestres e/ou doutores;
- ✓ Professores que podem apresentar pensamentos fortes;
- ✓ Professores interessados em colaborar com o estudo;
- ✓ Professores com quem partilhamos de alguma empatia;
- ✓ Professores que vivem na região geográfica onde a investigadora morou durante a fase da recolha dos dados.

A fase de recolha do material empírico estende-se de junho de 2006 a junho de 2007 (em andamento) e conta com variados instrumentos de recolha. Na medida em que efetuamos a recolha do material empírico, fomos realizando um procedimento de **pré-análise**, como proposto por Bardin (2004), ou seja, preparamos os dados para a análise.

No nosso caso, seguidamente a recolha, efetuamos ações que correspondem a um período de intuições e de organização do material empírico. Como o trabalho de campo ainda está sendo realizado e, nesta primeira fase, temos em ação de análise e interpretação, ainda incompleta, os casos, optamos por apresentar (parcialmente) apenas um deles: Henrique – que foi o nosso primeiro entrevistado.

O contar a sua história será feito em 16 sessões oficiais (sendo 4 entrevistas longas; 3 observações de práticas pedagógicas; 3 entrevistas curtas pós-prática pedagógica; 3 observações de prática de lazer; 3 entrevistas curtas pós-prática de lazer), fora as conversas informais e os momentos de encontro casual, onde recolhemos algumas informações, que adicionalmente estão integradas ao corpo da apresentação do caso.

Para este artigo, foram realizadas 7 sessões com o professor Henrique: 3 entrevistas longas, 2 observações de práticas pedagógicas e 2 entrevistas curtas pós-prática pedagógica.

### **A reconstrução da história de vida de um professor de educação física**

A partir dessa fase do trabalho, que é, antes de mais nada, a reconstrução das histórias de vida que me contaram, senti que era o momento de continuar relatando os acontecimentos da pesquisa na primeira pessoa, mas agora, do singular. Ainda que tenha a certeza de que este trabalho não é de todo individual, visto que as conversas mantidas com os orientadores, os colegas de estudo e mesmo com os investigados, foram fundamentais e indispensáveis para o desenvolvimento dessa fase da investigação.

Assim, como refere Sarmiento (2002), vou contar a história que me contaram e, portanto, optei por fazê-lo na primeira pessoa do singular, impedindo confusões que possam, eventualmente, surgir sobre quem é o biografado e quem é a investigadora. Denzin & Lincoln (2006), referem que os pesquisadores qualitativos empregam os relatos em primeira pessoa. Ball (1990, citado por Sarmiento, 2002), defende o uso do “eu” no registro de uma pesquisa qualitativa, visto que o investigador é, ele mesmo, um instrumento fundamental da pesquisa.

Portanto, apresento a seguir o início da construção de uma história de vida, a história de vida do professor Henrique, que vai se configurando/materializando num relato, a partir das minhas tentativas iniciais de interpretação, entremeado pelo discurso do próprio, que aparece entre “ ” e em *itálico*, respeitando o quanto possível o vocabulário do mesmo, fazendo as necessárias articulações para adaptar o discurso oral em escrito. As palavras em **negrito** são as que o professor destaca no discurso oral. O texto que aparece apenas entre “ ”, significa que fez parte do discurso oral do professor, contudo não está gravado, é parte integrante de uma conversa informal, onde recorro às anotações de campo.

Descrevo o primeiro contato com o investigado, apresentando-o, de certa forma, ao leitor. Adicionalmente, relato as condições de realização das entrevistas e observações. Simultaneamente, apresento uma síntese das identidades que estou abordando com o professor investigado: eu pessoal, eu profissional, eu social e eu lazer, por meio da análise e interpretação das suas representações e práticas, que, neste momento, aparecem diluídas no todo, compondo um texto único, levando-se em consideração o espaço disponível, como o espaço deste artigo, e a recolha, ainda incompleta, dos dados.

### **Apresentação, análise e interpretação dos dados**

Em maio de 2006, na tentativa de compor a amostra, Henrique foi o quarto professor que procurei na universidade. Marquei um encontro via e-mail. Já na sua sala, explicitarei o estudo e ele prontamente concordou com tudo. Foi tudo muito rápido e aproveitei para conversar um pouco mais com ele sobre a universidade, percebi que ele transitava por várias áreas, que gostava muito dos produtos midiáticos e tecnológicos, algo que não é tão comum na área da educação física.

Mais tarde, com as entrevistas, descobri que ele fez um curso secundário de redator auxiliar e até pensou em fazer jornalismo, entretanto optou pela educação física. Esse fato talvez possa explicar, em grande parte, sua forte relação com a temática da mídia.

A maior parte das nossas entrevistas foi realizada na sua sala, no departamento de educação física da universidade – um espaço que ele divide com outro professor. Sua parte é repleta de crachás e lembranças dos congressos que participa, algumas fotos, lembretes, telefones, dados para preenchimento de formulários, coisas assim: profissionais e relativamente organizadas, muitas delas carregadas de afetividade. Sempre que as entrevistas ocorreram nesta sala sentamo-nos da mesma forma, numa pequena mesa redonda, nunca completamente opostos um ao outro, mas sim formando um L. Os gravadores ficaram sobre a mesa.

Henrique é o mais novo de uma família de 4 filhos. Aos 6 anos de idade perdeu o pai, que era bancário e teve uma doença renal com poucas chances de cura à época (1963). Sua mãe foi balconista da farmácia dos tios até o casamento e, depois, dedicou-se às tarefas do lar. Atualmente, todos os irmãos são bancários aposentados. Ele resolveu ser professor de educação física, ainda que tivesse, também, pensado na possibilidade de ter uma farmácia e, mais tarde, passado num concurso público para a área bancária.

*“(...) fiz concurso do (fala o nome de um banco público brasileiro), passei, e não assumi... Eu estava na faculdade, curso de educação física e aí não tinha vaga para o banco na cidade onde eu fazia curso e aí, para eu assumir a vaga, teria que me mudar para uma cidade do interior que não tinha curso de educação física, eu não fui”.*

Henrique tem quase 50 anos, 27 de profissão, sendo 14 dentro da atual universidade. Ele é um professor-doutor, com 2 especializações e mestrado. Ministra aulas no curso de graduação – onde tem 2 diferentes disciplinas e orienta monografias – e

pós-graduação em educação física – onde orienta alunos mestrandos –; participa de 2 projetos de extensão – coordena o laboratório de mídia e é o co-editor de uma revista na área da educação física –; tem 2 projetos de pesquisa em andamento; é tutor de um programa de educação tutorial, que conta com 12 alunos-bolsistas e, como consequência, representante no Comitê da Pró-Reitoria de Ensino de Graduação.

Em síntese, ele atua em 4 vertentes dentro da universidade: o ensino, a pesquisa, a extensão (que são os projetos de atendimento à comunidade interna e externa à universidade) e a administração. Para além dessas atividades, o professor tem inúmeras publicações, entre livros, capítulos de livros, artigos e afins, e participa de eventos na área como, congressos, encontros, seminários. Nos últimos tempos, anda pensando na possibilidade de realizar um pós-doutorado.

Henrique leva uma vida tranqüila, ao lado da esposa, com quem já está casado a mais de 25 anos, e do filho de 24 anos, que cursa a universidade. Uma de suas preocupações centrais é a manutenção da qualidade de vida, que aparece em diversos momentos do seu discurso.

Mora numa casa, a mais ou menos 500m do seu local de trabalho, no Centro de Desportos da universidade. Aprecia essa proximidade e o fato de morar em uma casa, onde costuma receber pessoas para confraternizações, cuidar do jardim e dos animais domésticos: um cachorro, que muito estima e uma gata, que é a preferência da esposa. Fala com entusiasmo dessas atividades que essa moradia lhe proporciona. Sobre o que faz no seu tempo de lazer comenta:

*“(...) olha eu não tem nada muito esquemático... Eu diria que meu lazer é essencialmente doméstico... (...) por exemplo, coisas que eu faço em casa. Eu digo que é por questão profissional, já que eu estudo mídia, mas eu vejo muita televisão... Mas eu vejo porque gosto também. Eu vejo muito filme, é não só filme na TV a cabo mas também muitos DVDs. Principalmente documentários, agora mesmo eu estava comentando, comprei um aqui para o grupo, comprei (fala o nome do filme), um documentário sobre a arte nazista...”*

E continua a conversa falando da produção do filme, da questão estética, da relação com a Olimpíada de determinado ano, da ideologia da montagem, levanta nomes..., demonstrando que o seu lazer está ligado de alguma forma ao seu trabalho, visto que comprou o DVD para o grupo de estudos.



Ainda, sobre o seu lazer relata:

*“Então é assim, eu “curto” muito TV, “curto” muito filme, futebol de televisão, esporte na televisão em geral. Também, leio bastante e “curto” estar com a família, principalmente em casa, e tem aquelas coisas complementares do lazer caseiro, por exemplo, gosto de fazer meu churrasco e tenho um cachorro que é meu parceiro pra sair, caminhar, então, todo final de tarde dou uma caminhada com ele”.*

Camargo (1998; 2006) refere que, diferentemente de tudo que se fantasia sobre o lazer das pessoas, no Brasil e no mundo pesquisados, a maior parte do tempo livre dos indivíduos é desfrutada em atividades dentro de casa, no lazer doméstico.

Durante os meses de setembro e outubro de 2006, Henrique passou por um processo cirúrgico, ficando 21 dias no hospital e, na seqüência, passando por uma recuperação delicada em casa, impossibilitando nosso contato. Neste período manteve contato telefônico com sua família, em especial com sua esposa, que sempre me atendia de forma gentil e muito zelosa em relação ao marido. Em novembro, ele passou a sentir-se melhor, permitindo a realização da terceira entrevista longa em sua própria casa.

Henrique sempre me falou desta casa com muito carinho. Pude ver de perto que realmente é muito agradável. Trata-se de uma linda casa, numa área muito calma da cidade, ainda que próximo à universidade: um cantinho de paz numa área próxima de muita atribulação – trânsito pesado, circulação de pessoas. A entrevista foi realizada no escritório da casa, um amplo espaço, repleto de livros, alguns da área da educação física, outros pertencentes à sua esposa – que também é professora, mas em outra área –, outros da literatura universal, visto que ambos apreciam os momentos de leitura.

O escritório tem amplas janelas, que dão para um jardim muito bem cuidado, com área verde e algumas flores, tudo de frente para a rua, que é calma e de onde se pode ouvir o canto dos passarinhos da região. Henrique ofereceu-me uma grande e confortável poltrona para sentar e sentou-se à minha frente em sua cadeira de escritório, eu segurei 1 gravador na mão e coloquei o outro sobre a bancada lateral. Estava tudo muito calmo.

Durante o processo de recuperação pós-cirurgia, Henrique emagreceu 10kg, contudo não estava abatido, ao contrário, estava muito relaxado e com boa aparência. Chegou a comentar que andava muito estressado com os problemas, especialmente com clima relacional, as relações sociais na universidade – por conta de questões políticas –, e

que acreditava ser sua doença, em parte, até uma reação a toda essa turbulência encontrada no trabalho, em especial nos últimos anos,: “(...) *a gente vem experimentando uma situação **muito** desagradável. **Muito** desagradável mesmo, tanto que vários de nós têm adoecido. Eu mesmo fui um e muitos colegas estão aí em depressão, muitos colegas tendo stress acima da conta, justamente por causa dessas relações difíceis que se construíram...*”.

Tempos mais tarde comentou novamente o fato em outra entrevista. Agora, neste período de recuperação, tinha tido tempo para cuidar apenas de si mesmo, mas já andava cansado e, antes mesmo de seu prazo de licença junto à universidade terminar, estava de volta às atividades, aos poucos, já recebendo alunos-orientandos em sua própria casa e participando de algumas atividades do departamento de educação física da universidade.

Se por um lado padece com as difíceis relações do ambiente de trabalho, por outro lado, sobre os amigos de dentro da universidade, Henrique comenta o seguinte: “(...) *tenho vários amigos, principalmente os meus colegas de grupo de pesquisa. (...) Tenho amigos, principalmente, de convívio extra até, da universidade. Amigos de fazer churrasco, de viajar junto*”. Também, sobre o companheiro com quem divide sala: “*vem quase todo dia aqui em casa*”.

Apesar de sua clara indignação com os problemas de ordem política, que se refletem nas relações sociais e no próprio andamento do seu trabalho – muitas vezes ele se percebe, e aos seus companheiros, prejudicados por discordar da maioria e/ou de alguma das chefias –, outras coisas parecem agradá-lo muito na profissão. Por exemplo, a nossa primeira entrevista pós-cirurgia começou com o professor discorrendo, bastante orgulhoso e feliz com seus pupilos, sobre o programa de tutoria que desenvolve com alunos na universidade. Para ele, os objetivos do programa estavam sendo alcançados e pôde observar isto mais claramente a partir do seu afastamento obrigatório das atividades regulares com o grupo: “(...) *a filosofia do programa é primeiro a formação autônoma, quer dizer, eles têm que ser responsáveis pelo grupo, o tutor funciona como um tutor, não é um coordenador de grupo... É, eles fizeram*”.

Quanto às observações, para este artigo, realizei observações naturalísticas de 2 aulas práticas do professor, sempre no mesmo local – Ginásio 2 da universidade. Foram práticas pedagógicas na área do handebol. Enquanto minha assistente filmava a ação do

professor, fiquei livre para conversar com ele, com os alunos e escrever num pequeno bloco minhas notas de campo. Henrique me deixou muito à vontade e, em cada uma das aulas, nos apresentou à turma pedindo-lhes permissão para a observação e a conseqüente filmagem.

Suas aulas são sempre muito organizadas e ele apresenta várias atitudes consideradas atitudes de um “bom professor”, segundo os estudos de Cunha (2004): demonstra ter conhecimento do que se propõe a ensinar; usa exemplos (o que está vinculado à relação teoria-prática); torna compreensível o conhecimento que disponibiliza aos alunos, procurando estabelecer conexões do conteúdo com outras áreas do saber (tem relação com a vida e a sociedade); estimula verbalmente os alunos, utilizando-se de indagações para conduzir a aula, deixando os alunos mais à vontade para perguntarem; organiza o contexto da aula; explica aos alunos o objetivo do estudo que será realizado; é competente na variação de estímulos; movimenta-se no espaço de ensino, tornando mais constante a participação do aluno; chega perto dos alunos (toca-os, realiza exemplos com os próprios alunos), chama pelo nome (mesmo nas turmas da 1ª fase, ele procura perguntar o nome e faz questão de usá-los corretamente), interage; estimula à divergência e à criatividade; preocupa-se em deixar a dúvida entre os alunos (Henrique me falou sobre isso numa entrevista curta pós-prática: “*Normalmente, nas aulas teórico-práticas como essa, eu, antes de encerrar, coloco alguns problemas pra eles resolverem*”). Por outras palavras: ele se preocupa com isso.

Ainda, o professor utiliza-se de uma terminologia adequada e acessível; emprega uma voz audível, com pausas e entonação variada, imprimindo significado ao discurso; utiliza-se de certo senso de humor no trato com os alunos; apresenta uma relação afetiva positiva com a sua matéria; é acessível ao aluno; emite juízos de valor, dando sua própria opinião acerca das coisas; procura ser agradável e preocupa-se em tornar o ambiente da aula o mais agradável possível.

Um exemplo: na última aula que observei fazia muito calor, o ginásio estava realmente quente, então o professor variava as atividades em relação à intensidade e à motivação. Também, se preocupou em escolher o melhor lugar para desenvolver os exercícios, onde havia uma maior circulação de ar. Conversou com os alunos procurando motivá-los e deu um pequeno intervalo para água e restabelecimento das energias.

Contudo, e como bem lembra Cunha (2004), as características dos bons professores apresentadas em seu estudo (e que foram identificadas na pesquisa que realizei junto ao professor – observação), são fruto de uma concepção de educação, ensino e aprendizagem. Se essas concepções são alteradas, da mesma maneira, o conceito de professor se altera. O conceito de “bom professor” é constituído pelos valores de uma determinada sociedade e têm lugar num determinado tempo e espaço. Ideologicamente, esse conceito representa uma idéia que é socialmente construída sobre o professor.

Quanto às observações das práticas de lazer, ainda não realizei nenhuma observação naturalística ou participante de prática de lazer do Henrique. Temos um churrasco marcado em sua casa, onde ele costuma receber amigos e alunos, em especial da pós-graduação e do programa de tutoria. Além disso, em um dos nossos primeiros encontros, falou-me que podemos passear com seu cachorro, algo que ele faz com frequência.

### **Considerações finais**

Como anteriormente referido, já no primeiro encontro com o Henrique tive a oportunidade de conversar algum tempo com ele, visto que se mostrou muito acessível. Na ocasião, talvez influenciada por um colega de estudo que desenvolve um projeto na área do empreendedorismo, perguntei ao professor se ele se considerava um empreendedor, afinal tinha um currículo bastante vasto e diferenciado, incluindo a educação física e a mídia. Ele me disse que não, considerava-se alguém que “faz, o mais bem feito possível, o que é para ser feito”. Essa consideração parece determinante na sua vida, refletindo-se nas suas ações.

Neste sentido, Pereira (2006), que efetuou, por meio de entrevistas, a construção de 7 histórias de vida de professores considerados personalidades com currículo excepcional e de destaque no panorama da educação física em Portugal, refere o conceito de fazer bem feito o que se faz, como um fato marcante na vida pessoal e profissional de seus investigados, determinando a possibilidade de eles atingirem altos índices de sucesso.

Ou seja, parece haver uma correlação positiva entre essa idéia de fazer bem feito aquilo que se faz e o excelente desenvolvimento da carreira profissional dos professores.

A investigação, ainda não concluída, aponta que o processo de desenvolvimento, mudança e autonomização do investigado ocorre em variados contextos, entremeado por alegrias, tristezas, dilemas, tensões, sendo, como pude observar, o lazer um momento privilegiado do encontro consigo mesmo, da auto-formação permanente – ainda que tenhamos consciência de que o tempo disponível, onde o lazer se desenvolve, não é automaticamente educativo. Pôde-se identificar que a profissão e o lazer estão intimamente conectados em sua vida: são os amigos em comum, no trabalho e no lazer ; atividades profissionais que avançam o espaço íntimo do lar, como receber alunos, ler livros e assistir vídeos relacionados à profissão.

O estudo tem ilustrado a pluralidade de significados que o professor atribui à sua vida pessoal, profissional, social e de lazer, trazendo, de certa forma, por meio da integração do pensamento e da ação do investigado, um retrato da identidade do profissional naquele momento.

A contribuição empírica deste estudo, limita-se a sugerir idéias que abrem caminho para um melhor entendimento dos elementos que intervém na construção e no funcionamento do processo de ser professor, e professor de educação física. A história de vida do Henrique mostra que o seu processo de desenvolvimento é marcado por uma série de outros processos mais específicos, que se traduzem em mudanças e envolvem as interações sociais – por meio das diferentes socializações pelas quais ele passou/passa – constituindo e construindo sua personalidade de adulto e sua identidade.

Construir a sua história de vida me permitiu tentar clarificar, e de certa forma, ainda que sinteticamente, mostrar, alguns desses processos que ocorrem ao longo da vida, em variados contextos (profissional e lazer), realçando a importância da biografia na compreensão particular de qualquer uma das esferas da vida humana (pessoal, profissional, social, lazer) e contribuindo para a construção de conhecimentos sobre a profissão e a vida dos professores.

O estudo de caso foi corroborado pelo respectivo professor, tratando-se, portanto, de um retrato autorizado.

## **Referências bibliográficas**

Bronfenbrenner, Urie (1996). *A Ecologia do Desenvolvimento Humano*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Camargo, Luiz Octávio (2006). *Lazer, Cultura e Sociedade*. Fórum Internacional de Esporte e Lazer. Rio de Janeiro: SESC-Rio

Camargo, Luiz Octávio (1998). *Educação para o Lazer*. São Paulo: Manole.

Canavarro, Ana Paula (2003). *Práticas de Ensino da Matemática: duas professoras, dois currículos*. Tese de doutoramento. Departamento de Educação da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa (material não publicado).

Cunha, Maria Isabel. (2004) *O Bom Professor e sua Prática*. 16ª edição. Campinas: Papirus.

Bardin, Laurence (2004). *Análise de Conteúdo*. 3ª edição. Lisboa: Edições 70.

Denzin, Norman; Lincoln, Yvonna (2006). A Disciplina e a Prática da Pesquisa Qualitativa. In: Denzin, Norman; Lincoln, Yvonna. *O Planejamento da Pesquisa Qualitativa. Teorias e Abordagens*. Porto Alegre: Artmed ,pp. 15-47.

Goodson, Ivor (1992). Dar Voz ao Professor: As Histórias de Vida dos Professores e o seu Desenvolvimento Profissional. In: Nóvoa, António (org.). *Vidas de Professores*. Porto: Porto Editora, pp. 73-68.

Holly, Mary Louise; Walley, Carl (1989). Teachers as Professionals. In: Holly, Mary Louise; McLoughlin, Caven (Eds.). *Perspectives on Teacher Professional Development*. Londres: The Falmer Presss, pp.285-307.

Pereira, Antonino (2006). A Excelência em Educação Física e Desporto a Partir de Histórias de Vida. In: Pereira, Ana Luísa; Costa, António; Garcia, Rui (orgs.). *O Desporto entre Lugares. O lugar das Ciências Humanas para a compreensão do Desporto*. Porto: Faculdade de Desporto da Universidade do Porto, pp. 227-244.

Sarmiento, Teresa. (2002). *Histórias de Vida de educadoras de Infância*. Tese de doutoramento. Lisboa: IIE.

Yin, Robert. (2001) *Estudo de Caso: Planejamento e Método*. 2ª edição. São Paulo: Bookman.